



SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Leticia Cantarella Matheus (orgs). **História da comunicação** – experiências e perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. 360p.

História da comunicação – experiências e perspectivas

History of communication – experiences and perspectives

Cristiane Garcia Grande *

Palavras-chave: *Comunicação. Meios. Sistemas. História.*

Keywords: *Communication. Media. Systems. History.*

As inovações tecnológicas, ao permitirem que novas mídias rompam a redoma do arena midiática e envolvam diferentes atores sociais nos fluxos da informação, produzem narrativas e ideias inseridas em materialidade orais, escritas, impressas e audiovisuais, que envolvem ainda sistemas tecnológicos diversos. Assim, a história da comunicação não se esgota no tradicional resgate histórico e cronológico. Registrar evolutivamente a comunicação é uma forma de compreender e resguardar historicamente o passado, todavia, ter acesso a uma coletânea de minudentes pesquisas dos meios e sistemas no aspecto de experiências e perspectivas, delinea um novo contorno para o campo histórico da comunicação.

Em *História da Comunicação – experiências e perspectivas* (Mauad, 2014, 360p.), os organizadores Igor Sacramento e Letícia Cantarela Matheus apresentam 14 respeitáveis estudos que articulam sobre os processos comunicacionais com a história e as ciências sociais, no Brasil e no mundo, por meio de artigos de *experts* nacionais e também internacionais. Assim, a gênese deste trabalho ancora os eixos temáticos meios e sistemas. Para o primeiro, os meios, com seis ensaios, a ênfase está na produção de sentidos nas mais variadas mídias, com o estudo das tecnologias midiáticas, gêneros, formatos e narrativas. A segunda parte, os estudos sistêmicos, com oito textos, o destaque está na análise do circuito comunicacional, com a recomposição de bens, narrativas e ideias, dos produtores aos leitores/usuários das mídias *on-line*, em uma abordagem que inclui tecnologias do sistema impresso ao digital.

* Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo - UEL. Email: cris@calc.com.br

A primeira fase do livro (Os Sistemas) abre com o ensaio *Mademoiselle Bonafon e a Vida Privada de Luís XV: circuitos de comunicação na França do século XVIII*, no qual Robert Darnton (Princeton University), com tradução de Simone doVale, entrecruza o oral e o impresso com a análise de documentos que demonstram a relação dos boatos e o conteúdo da publicação de um romance sobre a vida sexual do rei, sempre no contexto do iluminismo francês.

No segundo texto, *Escravos, Oralidade e Letramento*, Marialva Carlos Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), desvenda as pistas do letramento dos escravos brasileiros, uma parte pouco relatada na história do Brasil, da qual se supunha antes uma restrição mais severa, a qual limitava os escravos ao analfabetismo e à oralidade dos fatos sem nenhum acesso a textos ou publicações.

Em seguida, Alessandra El-Far (Universidade Federal de São Paulo), em *Os livros, as flores e a dinâmica das edições populares no século XIX*, aproveita os vestígios da circulação de livros populares no Brasil, nas últimas décadas oitocentistas, para relatar publicações da época, apoiada por material bastante inóspito, o Dicionário do Bom Gosto ou Linguagem das Flores.

No quarto texto, *O canibalismo da memória no fluxo global de notícias*, Barbie Zelizer (University of Pennsylvania) propõe uma conexão entre mediação e memória no aspecto do registro jornalístico, analisando a ocorrência e as consequências de ambos, centrado na “memória canibal” que ocorre nas coberturas internacionais de tragédias nacionais no contexto de fluxo intermitente e globalizado das informações, cujo exemplo principal está baseado no comunismo da Hungria de 1989.

José Cardoso Ferrão Neto (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), por sua vez, em *Tábuas da Lei e Surras de Gato Morto: Ética e Comunicação na encruzilhada do escrito e do oral*, revela um estudo dos conflitos entre a tradição oral e os escritos documentados, citando exemplos como “Os 10 Mandamentos” e jornais populares cariocas, destacando situações de falta de comunhão do escrito com o oral e de

ocasiões em que a escrita produz força quando ancorada na oralidade histórica.

No último texto da primeira parte da série, “*Spam Telegráfico*”: *Investigações sobre novas formas de circulação noticiosa no final do século XIX no Brasil*, Letícia Cantarella Matheus (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), demonstra a gradual relação do telégrafo com as práticas de circulação de notícias, finalizando a parte dedicada aos “Sistemas” no livro.

Na segunda parte (Os Meios), com um número maior de textos, a ênfase está na implicação dos modos de composição do campo midiático nos processos sociais. A primeira pesquisa, de Michael Schudson (Columbia University), *A norma da objetividade no jornalismo americano*, com tradução de Simone do Vale, trata como ideal moral e padrão de redação o termo “objetividade” e todos os seus fundamentais significados como sendo o valor profissional principal para o jornalista americano.

O próximo tema é de Ana Paula Goulart Ribeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro), com *Os Anos 1960-70 e a reconfiguração do jornalismo brasileiro*, que traz um foco fora do habitual quando comparado a outros estudos da mesma época, explorando questões voltadas ao mercado empresarial, ao campo profissional e à identidade do jornalista, ou seja, mudanças macroestruturais da produção jornalística diante da ditadura militar

Depois, Marco Roxo (Universidade Federal Fluminense), em *O diabo e o diploma: como a difamação do passado pode ajudar no jornalismo do presente*, questiona o significado de ser jornalista e o fazer jornalístico, buscando respostas ao perseguir dois objetivos: verificar como a transformação da difamação em escândalo permite a mutação do jornalismo para um campo de práticas cujos profissionais, por vezes, reivindicam um domínio exclusivo e, discutir a configuração de narrativas do escândalo no contexto brasileiro e norte-americano.

No quarto texto, Vanessa R. Schwartz (University of Southern California), em *Grande Angular na praia: as origens dos paparazzi e o Festival de Cannes*, com tradução de Igor Sacramento, discute a prática

das fotografias “roubadas” nos instantes de celebração dos famosos durante o Festival de Cinema de Cannes, com reflexões que perpassam pela história do fotojornalismo e do cinema, discutindo assim o papel do fotojornalismo na erosão entre a arte e a vida.

Em *o Rio em Revista: Cultura urbana e lazer nas Ilustradas dos anos 1940-1950*, Ana Maria Mauad (Universidade Federal Fluminense), interpõe as revistas ilustradas como principal fonte de informação, lazer cultura e acesso aos acontecimentos do Rio de Janeiro e do mundo para o público feminino, num período de 10 anos, de 1940 a 1950, quando a cidade ainda era capital federal.

O pesquisador Ben Singer (University of Wisconsin-Madison), em *O Poder Feminino no serial-queen melodrama: a etimologia de uma anomalia*, resgata a característica enfática de heroísmo feminino, de certa maneira masculinizado ao referenciar a heroína com atributos de força e poder, embutidos em um tipo de seriado mudo e melodramático do início do século XX, ressaltando ainda valores e práticas sociais vigentes no período.

Em continuidade da série, *A Economia Doméstica da Audiência televisiva na América do pós-guerra*, de Lynn Spigel (Northwestern University), revela a inserção da televisão norte-americana na cultura feminina por meio das revistas publicadas para o gênero no período do pós-guerra, em um ensaio sobre o advento da tecnologia nos lares e nas famílias, retratando a interação entre o trabalho e o lazer da dona de casa americana.

Por último, tem-se o texto de Igor Sacramento (Universidade Federal do Rio de Janeiro), *Quem é o autor? Dias Gomes, Aguinaldo Silva e o conflito entre gerações no campo da telenovela brasileira dos anos 1980*, que mostra o desenrolar do campo da telenovela brasileira durante os anos de 1980, em uma fase de transição entre autores que defendiam a teledramaturgia como um espaço de discussão política no país e autores com uma linguagem pós-moderna, cômica e popular, sendo eles, principalmente, Dias Gomes e Aguinaldo Silva.

Se a história da comunicação possui versões pautadas pela cronologia e descrição rigorosa, a proposta, dessa vez, em *Histórias da Comunicação*, é evidentemente inovadora, com estudos perspicazes que, mesmo seguindo uma ordem do tempo, não se prendem a relações evolutivas dos meios e dos sistemas, ao mesmo tempo que a leitura caminha gradativamente para diferentes descobertas, muito sutis, nascidas das entrelinhas da história, portanto criativas e interessantes. A obra implica em pesquisas realizadas por estudiosos de diferentes partes do globo terrestre, que aprofundam em detalhes muitas vezes esquecidos pelos historiadores. Portanto, por sua abordagem contemporânea dos meios de comunicação e dos sistemas, é um trabalho para ser estudado e seguido de exemplo pelo caráter inovador na forma de contar a história da comunicação, meios e sistemas.



Entrevista